

DO PARÁ PARA O MUNDO: O CINEMA DE JORANE CASTRO

HÁ MUITOS BRASIS. Todavia, o brasileiro é educado para encarar o seu vasto país sob o prisma do cinema produzido no eixo Rio-São Paulo. Para agravar a situação, o olhar é marcadamente masculino. Tal situação demanda a existência de um cinema de perspectiva feminina, mais próximo da linha equatorial e voltado para realidades regionais normalmente invisibilizadas. A cineasta paraense Jorane Castro, que também é pesquisadora e professora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Pará (UFPA), é uma referência desse cinema.

Graduada em Cinema pela Université Paris 8, mestre em Cinema pela Université Paris 7 - Université Paris Diderot, Paris, França, além de ter estudado Direção de Elenco e Roteiro na Escuela Internacional de Cine y Televisión (EICTV), em Cuba, Jorane dirigiu 16 curtas-metragens, entre 1995 e 2011, a maior parte pela sua produtora, Cabocla Filmes, criada em 2000. Dentre eles, destaca-se *Ribeirinhos do asfalto* (2011), que conta com a também paraense Dira Paes no elenco. Lançou recentemente seu primeiro longa, *Para ter onde ir*. O filme participou da Mostra Competitiva no Festival do Rio 2016, além de ter recebido prêmios em outros festivais.

FILMECULTURA Sua relação com a fotografia é até hoje muito forte, e está na raiz do que a levou a se tornar uma realizadora. Em que momento você decidiu trilhar o caminho do Cinema?

JORANE CASTRO A minha proposta, quando fazia fotografia, sempre foi trabalhar com cinema. Não como fotógrafa de cinema, mas minha expressão artística sempre tinha uma relação com o movimento, com uma narrativa. A fotografia não foi algo que me levou ao cinema, mas o paliativo que eu podia naquele momento realizar: fazer cinema com imagens fixas. Estamos falando de uma época em que tudo era analógico, era negativo 35mm ou 16mm, então não dispúnhamos de facilidade de acesso a equipamentos como hoje. Eu queria fazer cinema e não podia, porque ainda não tinha os recursos técnicos. Veio então a virada do século. Meus primeiros filmes, como *As mulheres choradeiras* (2001) e *Invisíveis prazeres cotidianos* (2004), foram em película. Enquanto não consegui produzir cinema, a vontade era compensada com a cinefilia. Assistia a muitos filmes, escrevia sobre, lia a respeito de diretores, ia a cineclubes, sessões em horários como dez da manhã e meia-noite, apesar de ainda ser adolescente. Nesse sentido, sempre fui pesquisadora de cinema.



foto: ocêdo castor

Jorane Castro nas filmagens de *Para ter onde ir*



Para ter onde ir

Você é motivo de orgulho para o Estado do Pará. Como conseguiu espaço no mercado audiovisual e que dificuldades encontrou e ainda encontra, como mulher, para fazer cinema?

Eu levo muito a sério a minha profissão. Acho que quando você gosta da atividade que faz, como eu gosto de cinema, você tem que buscar formação e informação. Por isso, eu já havia lançado curtas como *As mulheres choradeiras* e *Invisíveis prazeres cotidianos* quando resolvi estudar em Cuba, onde passei seis meses. Eu me fomei em cinema na França. Isso porque, na época em que eu era pré-universitária, não havia escolas de Cinema no Brasil como hoje.

E, sim, é difícil ser mulher no set do cinema porque, por enquanto, nossas equipes são muito masculinas. Temos algo em torno de 10 a 15% de mulheres, e o restante é composto por homens. É engraçado que comigo às vezes perguntam: "Você trabalha com o quê?". Eu respondo que trabalho com cinema, e então: "Você é atriz?". O lugar da mulher no cinema, aquele em que ela pode existir, é o de atriz, o da beleza intocável. Há muitos casos de atitudes machistas de pessoas da minha equipe em relação a mim, apesar de eu estar liderando como diretora. Nunca foi fácil, sempre tive que enfrentar problemas dessa natureza. Mas penso que, se eu fizer cinema como mulher, paraense, e na Amazônia, provavelmente será mais fácil para as meninas que virão depois de mim. Então, talvez eu seja uma desbravadora em termos políticos de espaço no audiovisual amazônico.

Em seus filmes, você diria que há uma preocupação em desenvolver personagens femininas, destacando a perspectiva da mulher? Em quais trabalhos isso fica mais notório?

Quando eu começo a escrever uma história que vai virar um filme, penso sempre em personagens femininas. Não por não gostar de personagens masculinos. Fiz um filme que amo, chamado *O time da croa* (2014), sobre pescadores de Ajuuteua (PA). É só que me sinto mais próxima do universo feminino. Por exemplo, quando escrevo ficção, meu tema é a mulher, porque me sinto identificada com a vida feminina. O próprio documentário *Mulheres de Mamirauá* (2008), que fui convidada a dirigir e trata de uma reserva de desenvolvimento sustentável no Estado do Amazonas, é também um filme sobre mulheres.

Quando me proponho a criar, minha sensibilidade e minha vivência fazem com que eu possa construir personagens mulheres mais interessantes do que eu faria com personagens homens. Se for para criar um homem, talvez fique um pouco mais estereotipado. É um exercício que ainda tenho que fazer. Portanto, numa análise panorâmica, em *As mulheres choradeiras* são três mulheres protagonistas; se você vai mais adiante, em *Ribeirinhos do asfalto*, que é outra ficção, o universo é também de mulheres (a mãe, a filha, a prima, a amiga que vende flores); aí você chega agora no meu longa-metragem, *Para ter onde ir*, e são, de novo, três mulheres na estrada. Nota-se, então, que o feminino é

recorrente, sim, na minha filmografia. E não faço isso porque é o tema do momento; é algo que sempre me moveu, tanto que meu primeiro curta, de 2001, era uma história de mulheres extraordinárias, mágicas até. E meu próximo longa provavelmente será outro filme de universo feminino.

Além de personagens femininas fortes, seu cinema está engajado na busca por um regionalismo que exalte a Amazônia e problematize questões locais. Quais preocupações você apontaria como centrais em seu projeto enquanto cineasta?

Já realizei filmes que não são ambientados na Amazônia, como é o caso do meu primeiro trabalho para televisão – *Ici aussi c'est le monde* –, feito por volta de 2002 ou 2003, que foi produzido para a TV francesa e rodado na África. E por ter, na minha carreira, produzido em tantos lugares, não sou só uma cineasta amazônica. A questão é que na Amazônia é como se meu trabalho desabrochasse melhor. Porque o meu amor por essa região é muito grande, e o meu conhecimento sobre a região é maior que de qualquer outro lugar. Conheço as plantas, o cheiro da lama depois que a maré baixa, a força da corrente dos rios, o frio da água do Igarapé... Essas coisas todas são epidérmicas, porque nasci e cresci aqui. Por isso, tenho um prazer enorme em filmá-las, e acho que o faço com propriedade, justamente por ter essa memória sensorial. Você não pode pensar a Amazônia sem pensar em sensações; não pode pensá-la sem lembrar da chuva que você pegou quando descia de um ônibus ou entrava em uma casa – essa chuva que daqui a três minutos já passou e a cidade se encheu de sol novamente. Essa construção identitária me ajuda a criar meus filmes. A Amazônia está dentro de mim. Ou como diz uma frase que eu gosto muito, do poeta paraense Max Martins, “Eu não escrevo a Amazônia, é a Amazônia que me escreve”.

Em que medida sua produtora, a Cabocla Filmes, tem sido decisiva na concretização de seus projetos?

A Cabocla foi criada em 2000, época em que não havia muitas produtoras, nem a Ancine (Agência Nacional do Cinema). Surgiu num contexto desértico, em que não havia quase empresas que se dedicavam só ao cinema, até porque ela não produz outro tipo de atividade que não seja cinema e televisão. É uma empresa que existe para fomentar projetos – já produzi projetos de outras pessoas também. Atualmente, o mercado está tão fechado que você avança muito pouco se não tiver um CNPJ. Isso advém da necessidade de profissionalizar o mercado. Cinema é arte, mas é indústria também. Por ano, o cinema brasileiro movimenta cerca de um bilhão de reais. Nosso desejo é que isso aumente cada vez mais, permitindo que as pessoas vivam de cinema – e dignamente, não o fazendo como *hobby*.

Sabemos que no Brasil, em comparação com outros países, é preciso lidar com a falta de incentivos para a produção cinematográfica. O que você acredita ser necessário para que melhorem as oportunidades para jovens realizadores no campo audiovisual do Estado e, sobretudo, para que mulheres ganhem mais espaço?

A falta de incentivos é uma ilusão. Nós somos um país que investe muito dinheiro no cinema, com o Fundo Setorial do Audiovisual (FSA). O que está faltando é descobrir uma maneira de as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, cujas produções são as menores, acessarem mais esse fundo. A primeira parte da minha carreira eu fiz via editais de curta-metragem da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura (SAV/MinC), que são abertos, inclusive, para pessoas físicas. Então eu acho que existe um espaço para se encontrar financiamento e fazer cinema. Você que quer começar no meio, escreva um projeto bem feito, bem orçado... e bem argumentado. Você tem que argumentar por quê você quer contar aquela história e como pretende realizá-la. Dessa forma, as pessoas conseguem ganhar seu espaço, tanto homens como mulheres. Vale lembrar que no Festival do Rio de 2017, nove filmes foram selecionados e, destes, sete foram dirigidos por mulheres.

Além de cineasta, você também é professora e pesquisadora do bacharelado em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Pará, a UFPA. Como tem sido a experiência de lecionar no curso e quais pesquisas vem desenvolvendo?

Fui convidada pelo professor Afonso Medeiros, da UFPA, para ajudar a pensar a graduação em Cinema, inaugurada em 2010 e vinculada ao Instituto de Ciências da Arte. Portanto, me envolvi com o projeto do curso desde o início. Fui seduzida pelo projeto porque é muito legal você tentar ajudar as pessoas a fazer cinema na Amazônia, aprender a escrever um roteiro, a dirigir um filme... Então me encantei com essa possibilidade, fiz concurso e entrei na faculdade. É muito bom poder conviver com pessoas que são tão apaixonadas por cinema tanto quanto eu e tentar orientá-las com a experiência que eu já tenho, que é ao mesmo tempo prática e teórica. Estou dando aula de roteiro e direção, e também faço pesquisa na área que mais me interessa: o lugar da Amazônia no cinema e o lugar do cinema na Amazônia. Atualmente, estou desenvolvendo um projeto sobre documentários na Amazônia de 1995 a 2015.

Seu longa, *Para ter onde ir* (2016), ainda não lançado em circuito comercial, foi vencedor dos prêmios de melhor direção, melhor atriz coadjuvante, melhor trilha sonora original e melhor de senho de som no Festival Guarnicê, além de ter sido selecionado para a Mostra Competitiva Novos Rumos, no 18º Festival do Rio. Fale um pouco sobre esse último trabalho, destacando seu objetivo e a experiência de produção.

Para mim, esse filme é um sonho realizado. Afinal, a gente segue uma carreira no cinema para fazer longa. Eu já tinha feito dois longos documentais, mas nunca um de ficção, porque é muito mais difícil; envolve mais custos, mais pessoas, figurino, direção de arte, então o filme acaba assumindo uma outra dimensão, até econômica, que é mais difícil de administrar.



Para ter onde ir está tendo uma carreira interessante. Já foi exibido em uns 15 festivais, incluindo países como Portugal, França, Espanha e África do Sul, e ganhou um prêmio em São Tomé e Príncipe. Conquistou ainda quatro prêmios no Guarnicê. Fiquei muito feliz, particularmente, com o de melhor direção, porque foi difícil alcançar essa linguagem, mas também um processo muito formador. E eu encontrei parceiros de trajetória muito bons, pessoas que pensam cinema também e que sei que ainda vão avançar comigo, em novos projetos.

Vale lembrar que já estamos trabalhando no lançamento do filme no circuito comercial, que ocorrerá em novembro de 2017, por meio da distribuidora O2 Play. Portanto, até o fim do ano, Belém, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife terão assistido ao longa.

Texto selecionado do Edital Filme Cultura Edição 63

***LIGIA MESQUITA FERREIRA** é de Belém (PA). Advoga do pós-graduado em Direito de Família e das Sucessões, fez curso de crítica cinematográfica. É autor dos blogs *Dissecendo cinema* e *O grande ecrã contemporâneo*. Em 2016, recebeu prêmio de melhor crítica de cinema no Festival de Audiovisual de Belém (FAB).